



RELICI

**ENTREVISTA COM PROF. DR. VICTOR ANDRADE DE MELO (UFRJ):
“O FUTEBOL PERMITE TANTO PENSAR NO MUNDO QUANTO UM FILME QUE
QUER, EXPLICITAMENTE, PENSAR NO MUNDO”¹**

*INTERVIEW WITH PROF. DR. VICTOR ANDRADE DE MELO (UFRJ):
“FOOTBALL ALLOWS US TO THINK ABOUT THE WORLD AS MUCH AS A FILM
THAT EXPLICITLY WANTS TO THINK ABOUT THE WORLD”*

Victor Andrade de Melo²

Cristiano Mezzaroba³

Maria Edivania Alves dos Santos⁴

Hamilcar Silveira Dantas Junior⁵

As relações entre o esporte, notadamente o futebol, e o cinema sempre foram estreitas, visto que ambos são produtos da modernidade sensorial de fins do século XIX. Nessa quadra histórica, os estímulos na cena pública eram a tônica das relações sociais. Ver e ser visto, circular nas esferas sociais do entretenimento, servirem como práticas de desenvolvimento científico em diversas áreas do conhecimento foram tornando tal vínculo visceral. Não obstante, à medida em que as Ciências Humanas se desenvolviam no século XX, o Cinema passou a ser visto apenas como arte ou indústria de entretenimento, bem como o esporte tão somente uma prática corporal em crescente espetacularização de consumo. Compreender como essas práticas culturais dialogavam e nos permitiam compreender a história das sociedades não se tornou uma prática rotineira no campo das Ciências Humanas.

O Prof. Victor Andrade de Melo se tornou, desde o fim do século passado, uma referência incontornável de análises do cinema em seus diálogos essenciais com

¹ DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17660858

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. victor.a.melo@uol.com.br

³ Universidade Federal de Sergipe. cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

⁴ Universidade Federal de Sergipe. mariaedivania22@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Sergipe. hamilcar72@academico.ufs.br



RELICI

vários campos disciplinares, notadamente com a Educação Física, Educação e História. A Revista Livre de Cinema muito se orgulha de compartilhar com seus leitores, reflexões do Prof. Victor Melo acerca das relações entre Futebol e Cinema, neste número especial, à medida em que ele nos provoca a pensar as duas práticas como formas essenciais de ser/estar no mundo e práticas de compreensão do mundo. Boa leitura a todas e todos.

Você foi um dos precursores no campo da Educação Física brasileira a abordar o cinema para refletir sobre essa área do conhecimento. Como foi a tua trajetória para chegar a essas abordagens?

Eu era cinéfilo antes de me preocupar com o tema do Esporte/Educação Física nos filmes. O cinema é uma arte que está presente na minha vida desde sempre. Quando eu era “muleque”, no subúrbio do Rio de Janeiro, não tinha acesso a museus nem a artes plásticas; o acesso à arte musical era restrito. Essas artes só passaram a fazer parte da minha vida depois que fiz faculdade e fui morar mais perto do centro. O cinema, porém, sempre fez parte da minha vida. Sou de um tempo em que havia muitas salas de cinema no subúrbio do Rio, no Rio de Janeiro inteiro, e não eram salas de *shopping*, eram salas de rua que tinham um preço muito mais acessível do que têm hoje. Então, desde muito cedo, eu ia ao cinema. Ainda vivenciei algumas coisas dos modelos antigos de filme, que tinham curta-metragem antes; peguei o tempo em que a gente ia de manhã ao cinema para ver desenho, Tom e Jerry; peguei o “Canal 100”, isso tudo na década de 1970. Então, eu sempre tive o hábito de ir ao cinema.

Quando vim para a faculdade e morei mais perto do centro, comecei a ter acesso a outro tipo de cinema e a frequentar mais as salas que chamávamos de “cinema de arte” ou “cinema alternativo”. Por interesse próprio, comecei a fazer um processo de autoformação cinematográfica. Aqui no RJ, temos o Centro Cultural Banco do Brasil, que oferecia mostras maravilhosas. Eu me lembro bem da época, já no tempo do real, prestes a entrar como professor na universidade; pagava-se oito



RELICI

reais por mês e podia-se ver quantos filmes se quisesse por dia, em quatro sessões diárias. Havia diversas mostras, como Godard, Cinema Marginal, Cinema Novo e Expressionismo Alemão. Eu frequentava essas mostras, ia toda terça e quinta-feira. Ainda peguei algumas mostras da Cinemateca do MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), que depois fechou. Havia também um cinema importante da década de 1960, o Cinema Paissandu. Em 1998, fizeram uma mostra de 30 anos da *Nouvelle Vague*. Eu vivia percorrendo lugares para ver filmes e aumentar meu conhecimento sobre o cinema brasileiro e mundial.

Eu já estudava esporte e havia feito a tese sobre esporte no século XIX. Gostava muito de esporte e, em determinado momento, comecei a querer fazer um programa de investigação de representações do esporte nas linguagens artísticas. Isso depois resultou em algumas produções: esporte e artes plásticas, esporte e literatura, esporte e teatro, mas o primeiro foi esporte e cinema, porque eu já era cinéfilo e frequentava muito os cinemas. Foi um desvio de olhar; comecei a ver como o tema se manifesta na filmografia. Então, fui fazer um pós-doutorado, que foi muito bacana. Minha supervisora foi a Heloísa Buarque de Hollanda, Heloísa Teixeira, que morreu recentemente, uma mulher incrível. O pós-doc foi em Estudos Culturais, e eu acabei tendo acesso a um debate que não tinha antes, não só na Educação Física como na História. Acabei mergulhando mais na linguagem cinematográfica.

A primeira produção foi "Cinema e Esporte: diálogos"⁶. Eu entrei no pós-doutorado para ver representações dos esportes nos filmes e, por causa do debate no programa de pós-doc em estudos culturais, acabou virando uma discussão sobre os diálogos intersemióticos entre o esporte e o cinema. Em paralelo, comecei a organizar mostras de cinema e esporte. Organizamos seis edições, uma na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e cinco com o Serviço Social do Comércio (SESC). Quando começamos a organizar, já tinham ocorrido duas mostras no Brasil sobre cinema e esporte, uma em Pernambuco e uma em São Paulo, foi antes

⁶ MELO, V. Cinema e esporte: diálogos. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 1-40, 2006.



RELICI

do Cinefoot, esse incrível festival de cinema e esporte organizado pelo Antônio Leal e pelo Diogo Leal. É isso; assim começou essa história!

Em algumas publicações suas, tanto em livros como em artigos, você problematizou o conceito de futebol arte. Como você faz, hoje, essa relação entre futebol e arte? Futebol é arte? E especificamente quando representado no cinema, que futebol é esse?

Então, o que acontece é que, como eu havia saído do tema representações de esportes nos filmes para discutir diálogos intersemióticos, acabei entrando no debate sobre o estatuto de arte das coisas. Por que as coisas são arte? Por que as coisas não são arte? E aí eu fiquei um tempo fazendo esse debate, que inclusive levei para o campo dos Estudos do Lazer, porque nessa época eu também estudava animação cultural. Então, acabei assumindo a ideia de que arte é uma definição de campo e arte deve ser uma experiência mais do que somente uma certa *episteme*, quer dizer, mais do que uma forma de estabelecer relação com o mundo. O que faz algumas coisas serem arte e ou não serem não é exatamente a forma como elas se manifestam, mas sim como determinado campo se apropria delas ou não em certos momentos. E o cinema é muito interessante para pensar isso, porque o cinema não nasce como arte, nasce como uma curiosidade apresentada em feiras e parques de exposições, e depois vai assumir o estatuto de arte.

O debate que eu faço (há um debate sobre isso no livro "Cinema e Esporte: Diálogos") é a ideia de que, se fosse só pela *episteme*, o esporte seria tranquilamente considerado uma arte, mas ele não é considerado arte porque ao seu redor se forjou um campo à parte. Isso tem um pouco a ver com a natureza histórica da definição do fenômeno esportivo. Então, no decorrer do trabalho, fui ampliando a ideia de que o esporte é somente um tema para o cinema. O esporte, na verdade, é uma linguagem que, com o cinema, estabeleceu diálogos intersemióticos. No livro, procuro mostrar como o cinema interferiu no esporte, mas o esporte interferiu no cinema, e como sempre houve um caminho de ida e volta entre essas linguagens.



RELICI

O meu debate sobre futebol-arte, esporte-arte, não tem a ver exatamente com a qualidade do espetáculo que estamos vendo, mas sim, com a dinâmica de produção e a relação com o público. Tento argumentar que o público esportivo — num outro trabalho⁷ eu tento discutir isso a partir das ideias do Bertolt Brecht, notadamente a relação dele com as lutas de boxe — vive o espetáculo esportivo como se fosse uma obra de arte. Assim, a minha ideia de esporte-arte, futebol-arte, não é exatamente aquela que tem a ver com se o espetáculo é de qualidade ou não, se tem mais drible ou menos drible, estou dizendo que sempre o torcedor vive o espetáculo esportivo como se fosse uma obra de arte.

A relação fundamental do espectador com o espetáculo esportivo é por meio sensorial. Isso depois desdobrou para um debate que fiz sobre a necessidade de considerar melhor os aspectos estéticos no nosso processo de formação do público esportivo e também nas aulas de Educação Física. Falando um pouco sobre isso, percebo que estamos sempre preocupados com os aspectos éticos e esquecemos que a natureza fundamental da relação do público com o espetáculo esportivo é estética. Considerar melhor os elementos da estética é interessante para pensar o rearranjo do trabalho daqueles que atuam na formação de adolescentes, crianças e jovens em geral. Enfim, é essa a diferença entre o que chamo de futebol-arte, esporte-arte ou boxe-arte; e, em geral, os meios de comunicação ou alguns colegas chamam de futebol-arte ou esporte-arte.

Cinema e futebol costumam ser pensados, na vida ordinária, como formas de entretenimento, ocupando um tempo e espaço de vida das pessoas como fruição artística e esportiva, como forma de distração ou de se “desligar” da dimensão do trabalho. Como você pensa essa relação entre cinema e futebol para além dessa dimensão do entretenimento e distração?

⁷ MELO, V.A.; VAZ, A.F. Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, p. 139-160, 2006.



RELICI

Então, em determinado momento, como eu falei antes, faço uma conexão desse debate com o debate da animação cultural. Estava interessado em discutir como, no campo da arte, há uma certa aspiração intelectual ou intelectualista que tenta a separar do campo do entretenimento, como se fosse menor ser entretenimento ou distração. No entanto, isso é uma besteira, porque qualquer linguagem artística sempre é consumida como distração e entretenimento. Supostamente, uma apreensão a meu ver equivocada, isso marcaria a diferença entre a arte e o esporte: a arte faz pensar, a arte é mais intelectual. Isso é um preconceito que considera que existem níveis culturais maiores ou menores.

Minha questão sempre é dizer que não existe nada que seja só entretenimento e distração, nem existe nada que seja só reflexão, erudição e fazer pensar. Esses processos estão sempre juntos, em maior ou menor grau. Alguns espetáculos ou propostas artísticas vão investir na ideia de fazer pensar, outras menos. Mas sempre há representações sobre o mundo nos espetáculos a que assistimos. Então, o futebol e o esporte, no meu olhar, são uma arte de performance sem *script* pré-definido. Existem esportes que são artes de performance com *script* pré-definido, como, por exemplo, a ginástica artística e a patinação, curiosamente, aqueles que têm "artístico" no nome. Aliás, há outras artes de performance – não apenas a performance enquanto campo das artes plásticas – como é o caso da dança e do teatro.

Por isso, em determinado momento, naquele artigo que mencionei, dialoguei com Bertolt Brecht. Brecht dizia que o esporte tem o público mais bem informado que existe e que seu desejo era que o público do teatro fosse igual ao público do esporte, que participa ativamente do espetáculo. Ele chega a assumir que, na concepção dos seus parâmetros cenográficos para sua proposta de teatro, ele se inspira largamente no esporte. Ele adorava o esporte, notadamente o boxe.

A ideia é que possamos pensar o espetáculo esportivo se afastando dessa dicotomia entre diversão e informação, entre entretenimento e fazer pensar. O espetáculo esportivo é sempre as duas coisas juntas. Todo espetáculo artístico é



RELICI

sempre as duas coisas juntas, tem que ser as duas coisas juntas, mesmo que não queira ser. Ele vai ser consumido no espaço de lazer dos indivíduos.

Os indivíduos vão à exposição no seu momento de lazer, vão ao teatro no seu momento de lazer e vão ao espetáculo de música clássica no seu momento de lazer. E, então, a gente recoloca o espetáculo esportivo como um espetáculo artístico na relação e na dinâmica, e não apenas no campo. Assim, o nosso desafio, enquanto intelectuais que pensam o fenômeno, é entender que ele sempre vai ter as duas dimensões em conjunto.

E, como o esporte vai ser sempre uma representação do mundo, os problemas do mundo também vão aparecer nas suas manifestações. Racismo, homofobia, machismo, desigualdade social, estão todos ali colocados naquilo que parece ser apenas diversão. Como não existem coisas que são apenas diversão, esses problemas vão aparecer de forma explícita. E, enquanto intelectuais que pensam em intervenções de formação – estou falando da educação escolar –, a questão é como tratar isso com os nossos alunos. O espetáculo, que é divertido, também é uma representação e uma forma de olhar para o mundo em que se insere.

Futebol é difícil de ser filmado e coreografado, diferente de outras modalidades que são mais fáceis de serem filmadas. Quais obras cinematográficas – nacionais e internacionais – você considera serem imprescindíveis de serem conhecidas para quem quer aprender mais sobre cinema e futebol?

Exatamente por ser uma arte de performance sem *script* pré-definido, o futebol é mais difícil de ser filmado do que outras modalidades em que há mais coreografia. Por exemplo, o boxe não é coreografado, mas a dinâmica do boxe se ajusta a uma determinada forma de representação cinematográfica. Se filmar futebol sempre foi mais difícil, com a vulgarização dos meios digitais, ficou mais fácil. O problema do futebol é que são 90 minutos, e você tem pouco tempo de grandes jogadas. Você pode ligar uma câmera e capturar tudo, mas depois precisa editar.



RELICI

Antigamente, era mais difícil devido ao uso de película, o que tornava inviável gastar tanto para depois descartar grande parte do material.

Durante muito tempo, os filmes de esporte enfatizaram mais o que cercava o esporte, as tramas e as histórias em torno dele. A partir de determinado momento, os filmes de esporte passaram a dar mais ênfase na dinâmica esportiva em si ou na estética esportiva. Um exemplo interessante disso são os filmes de surfe, com o desenvolvimento de novas tecnologias, se tornou possível capturar melhor a emoção daquele cenário. Nos últimos anos, após a adoção do digital, houve um aumento significativo na produção de filmes de esporte.

Existem clássicos nesse gênero, como o filme "Olympia" (1938) de Leni Riefenstahl, profunda expressão do diálogo entre cinema e esporte. Bertolt Brecht foi roteirista de um filme da época que era o oposto de "Olympia" – "Kuhle Wampe" ou "A Quem Pertence o Mundo?" (1932). Apesar das dificuldades, sempre houve filmes de esporte ao longo da história, e alguns deles foram premiados, ganhando *Oscars* e festivais importantes.

No Brasil, um filme importante é "Garrincha, Alegria do Povo", dirigido por Joaquim Pedro de Andrade (1962), que expressa a ambiguidade do trato com o fenômeno esportivo dentro das propostas do Cinema Novo. Temos muitas coisas boas, tanto no cenário internacional quanto no nacional, e também muitas coisas ruins, como em qualquer outro tema.

Pensando nas questões emergentes de problemáticas nacionais, a exemplo do racismo, da misoginia, homofobia, a fragilidade da democracia, como o futebol, enquanto microcosmo da sociedade, possibilita um diálogo com tais problemáticas? De igual modo, como você percebe que o cinema possibilite que as pessoas reflitam sobre esses temas envolvendo o futebol?

O esporte e o futebol são sempre diversão, entretenimento e expressão do mundo em que se manifestam. Não há oposição entre isso; o futebol permite tanto pensar no mundo quanto um filme que quer explicitamente pensar no mundo ou uma



RELICI

obra de arte que quer explicitamente representar alguma coisa do mundo. Sem deixar de ser diversão, o futebol e o esporte apresentam diversas facetas do mundo em que se inserem.

Todos os problemas da sociedade contemporânea, como desigualdades sociais, homofobia e racismo, vão se manifestar nos espetáculos esportivos. Esses problemas não são novos e sempre estiveram presentes. O que é novo é a forma como lidamos com eles hoje, tentando enfrentá-los com mais seriedade. O enfrentamento do racismo, por exemplo, remonta ao século XIX.

Penso que a representação cinematográfica do esporte permite que a gente trate isso de forma mais detida. Em geral, o cineasta escolhe um tema que vai além do esporte em si. Existem cineastas que filmam apenas o esporte, interessados na dinâmica esportiva e na linguagem. No entanto, quando fazem uma abordagem mais ampla sobre o esporte ou inserem o esporte numa trama maior que explicita outros problemas, a gente consegue perceber como essa manifestação espontânea — espontânea porque não é totalmente planejado o que acontece no espetáculo esportivo — é condensada numa obra cinematográfica.

Isso permite que a gente utilize o esporte para refletir sobre o mundo e, pedagogicamente, apresente isso aos nossos alunos. Como puxar o fio da meada para debater um determinado assunto relacionado à prática esportiva? É sempre importante pensar que temos uma educação para o esporte e uma educação pelo esporte.

A educação pelo esporte é como a gente consegue não só aprender a técnica em si (como a gente se prepara para executar a técnica), mas também refletir sobre o mundo a partir da sua manifestação concreta. A educação para o esporte é como a gente aprende a ver o esporte para além daquilo que ele é enquanto agenciamento imediato, como a gente consegue ver, por trás daquela diversão incrível – e ela sempre vai ser diversão –, a manifestação de determinados temas sociais.



RELICI

Para quem deseja iniciar seus estudos na relação entre cinema e futebol, mas também se aprofundar nessa temática, quais autores/as e obras você sugeriria a leitura? No campo específico dessa relação, quem você reconhece para aprender mais sobre a temática?

Penso que agora temos muitos mais estudos sobre a relação entre cinema e esporte, incluindo os trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal de Sergipe. Já existem grupos espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Faço parte de um grupo em Portugal, com pessoas muito bacanas que estão discutindo esse tema. Então, temos não só gente da Educação Física, mas também do cinema e da comunicação, o que é muito bacana.

Em linhas gerais, o que não podemos deixar de entender é que o cinema é uma linguagem. Estamos falando do encontro de duas gramáticas: a esportiva e a cinematográfica. Ao estudar esse tema, não podemos abandonar nenhuma das duas gramáticas. Não dá para estudar cinema e esportes sem entender alguma coisa de cinema, sem entender a natureza das escolhas técnicas dos cineastas – plano, enquadramento, construção da narrativa –, pois o cineasta, quando toma suas opções, quer enfatizar uma ou outra coisa do fenômeno esportivo.

O filme de esporte tem uma gramática comum, muitas vezes inspirada no grande cinema norte-americano, com a trajetória do sujeito que tem talento, enfrenta dificuldades, passa por provações e consegue superar os obstáculos. Ao fim, em um grande jogo, demonstra o resultado das privações e das provações, do enfrentamento que ele passou. Essa é uma narrativa muito comum: a trajetória do herói. A trajetória do herói é, em geral, a opção mais usual que se cruza com uma determinada linha cinematográfica. No entanto, existem outras formas de narrar, e, quando elas se aproximam do esporte, fazem opções diferenciadas.

Acho que é sempre bom lembrar que estamos vendo um filme, e um filme não é a expressão do mundo, mas sim uma representação do mundo. Para entender essa representação, precisamos entender a natureza da representação. Da mesma forma, o esporte é sempre uma representação do mundo, não a plena expressão do mundo.



RELICI

Então precisamos entender a natureza da representação esportiva, para entender os encontros entre esporte e cinema, precisamos entender como se estabelece o diálogo entre duas narrativas. É importante entender a natureza das duas para não cair em armadilhas de considerar aquilo como a verdade ou como "o mundo é assim", mas sim, como um olhar, uma representação do mundo, o que não diminui sua importância.

Tanto cinema, como o futebol, são fenômenos sociais abordados por várias áreas das Ciências Humanas. Como essas áreas dialogam para compreender esses dois fenômenos em uma perspectiva interdisciplinar (como por exemplo: História e Futebol; Sociologia e Futebol; Literatura e Futebol etc.)?

Talvez essa resposta esteja um pouco ligada ao final da resposta anterior. O que acontece é que estamos falando de fenômenos sociais que já chamaram a atenção das mais diferentes disciplinas acadêmicas. Aprender a fazer dialogar as reflexões dessas disciplinas acadêmicas, não somente no sentido de concordar, mas também no sentido de criar discordância ou contrapontos entre elas, me parece sempre um desafio bacana para melhor entender tanto cinema quanto esporte.

Esportes e cinema também se constituem em áreas acadêmicas que fazem uso das outras disciplinas acadêmicas para lançar olhares sobre seus interesses. Quanto mais desenvolvemos habilidades nessas disciplinas acadêmicas, mais refinamos nosso olhar tanto para o cinema quanto para o esporte e para as relações entre cinema e esporte.

O nó central disso é a necessidade de desenvolver posturas mais eruditas frente ao conhecimento ou, pelo menos, posturas polímatas. É verdade que a erudição pode ter sido apreendida como arrogante em determinado momento, mas, se tirarmos essa base de apreensão social, a erudição é fundamental para exercer nosso trabalho de cientista social e humano; ser mais polímatas parece ser um caminho interessante – tentar entender o mundo de forma ampla, a partir de diversos *insights* e pontos de vista.



RELICI

Para quem estuda cinema e esporte, considero fundamental ter erudição cinematográfica. Quem tem pouca erudição costuma fazer uma análise muito linear da manifestação dos filmes, porque deixa de compreendê-lo no cenário mais amplo tanto da construção da história do cinema quanto da história do mundo. A manifestação cinematográfica tem a ver com o mundo no qual ela se apresenta, e o esporte é a mesma coisa: não dá para olhar para o fenômeno sem entender sua manifestação na história e na articulação do mundo que está colocado.

Sempre acho que esse é um nó importante na formação de pesquisadores. Temos pesquisadores muito bons do ponto de vista técnico, mas que conhecem pouco do mundo que os cerca, o que diminui notavelmente o potencial das análises e interpretações. Desenvolver parâmetros de erudição ou polimatia me parece um esforço bacana não só para o esporte, mas para entender a relação entre esporte e cinema e para entender o mundo como um todo.

Gostaríamos de tratar sobre a ideia de repertório cultural na relação entre cinema e esporte/futebol, considerando que podemos aprender “o” esporte; aprender “pelo” esporte; aprender “sobre” o esporte. Como você analisa essa experimentação da arte para desenvolver repertório estético com o cinema representando o esporte/futebol na sua narrativa?

Acho que essa pergunta eu meio que já respondi nas outras, especialmente na resposta da pergunta anterior. Sem repertório cultural, é muito difícil analisar qualquer fenômeno, ainda mais o fenômeno do esporte e cinema, que são eminentemente culturais. Isso não significa que não sejam também econômicos, políticos e sociais, mas são fundamentalmente duas manifestações artísticas: uma assumida enquanto arte e outra não, embora epistemologicamente pudesse ser considerada arte.

Se não temos repertório cultural para entender amplamente a presença dessas manifestações, sem compreender de forma ampla a história dessas representações, dessas linguagens, dessas narrativas, desses fenômenos e o



RELICI

momento em que isso está ocorrendo, empobreceremos muito nossa capacidade de lançar olhares heurísticos sobre o objeto que iremos analisar.

Trabalhar a ideia de aprender sobre o esporte e aprender para o esporte, educar para o esporte e educar pelo esporte, é fundamental. Em nossos espaços de formação, como na educação física escolar, precisamos de alguma forma ensinar a ver. Ensinar a ver é dar condições de desvendar a linguagem. Cada linguagem artística tem seus próprios códigos, e precisamos pensar no processo de alfabetização cultural e ampliação do repertório cultural. Alfabetização não numa lógica linear, mas numa lógica de animação cultural, em que os indivíduos possam ser exortados e capacitados para pensar de forma dinâmica e crítica sobre aquilo a que têm acesso cotidianamente.

Vivemos num mundo onde as imagens preponderam sobre as palavras, e é importante pensar numa educação que dê às pessoas a condição de lidar com essa máquina de imagens que escondem/explicitam valores e interesses. É um projeto desafiador, mas acredito que a restrição do repertório cultural, do repertório geral, da erudição e da capacidade de pensar o mundo, torna as pessoas mais reféns de determinados interesses de poder. Nesse sentido, pensar o processo contrário é que é o nosso desafio enquanto intelectuais que pensam o mundo de forma crítica.

Considerando o atual momento do cinema brasileiro, com a conquista da estatueta do Oscar/2025 para o filme “Ainda estou aqui” como melhor filme internacional, como você analisa e perspectiva esse acontecimento, considerando os impactos do filme no campo da política e do mercado audiovisual?

Penso que devemos celebrar muito as conquistas do filme "Ainda Estou Aqui" (2024), dirigido por Walter Salles. É bom ter ganhado o Oscar, é bom ter as atrizes Fernanda Torres e Fernanda Montenegro com essa projeção. No entanto, é preciso julgar na justa medida. Não sou daqueles que acharam "Ainda Estou Aqui" (2024) um filme maravilhoso. Achei um bom filme, bem feito, de um diretor que entende todas as



RELICI

fases do que é o mecanismo de produção cinematográfica, tem recursos para contratar boas pessoas e tem competência para fazer.

Mas, obviamente, a história do cinema brasileiro é muito maior e nem sempre reconhecida. Conversando em sala de aula, eu disse: "É interessante que 'Ainda Estou Aqui' (2024) ganhou o Oscar, enquanto 'Bacurau' (2019), dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, não ganhou — só para pegar um filme recente, e não estou falando dos filmes de Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, nada disso, estou pegando filme recente." "Bacurau" (2019) ganhou muitos prêmios internacionais, mas não o Oscar, o que explica mais sobre o que é o Oscar e os mecanismos de distribuição do cinema.

A atriz Fernanda Torres está ótima em "Ainda Estou Aqui" (2024), mas o ator Silvero Pereira em "Bacurau" (2019) também é incrível. Para mim, "Bacurau" (2019) é um dos grandes filmes recentes do Brasil. É um filme que acaba e você não consegue se levantar da cadeira. Assim, lembro-me do impacto dos grandes filmes brasileiros, de um cineasta que é espetacular e tem uma obra espetacular, o Kleber Mendonça Filho; então, é colocar na justa medida.

Acho que é importante colocar as coisas em perspectiva. É bom para o país e para a autoestima nacional, e pode chamar mais atenção para os filmes brasileiros no exterior. Pode promover alguma repercussão na cena pública, isso vai depender do perfil de governo, se vai investir mais no cinema e estimular as pessoas a fazer filmes e ir ao cinema.

É ótimo ver que "Ainda Estou Aqui" (2024) bateu recorde de bilheteria. Pegando outra linha de pensamento, acho que filmes da Xuxa e dos Trapalhões, que muitas pessoas tiveram preconceito, sempre achei que devem existir. Não vamos fazer apenas filmes do cinema marginal. O cinema marginal é bom para caramba, Júlio Bressane e Rogério Sganzerla, mas também é importante haver diversidade.

A grande questão é que não há nada que impeça alguém de ver as obras de Jean-Luc Godard e os diversos "Homem-Aranha". São narrativas diferentes, manifestações diferentes. O ideal é que as pessoas possam ver o Homem-Aranha e



RELICI

Godard, Glauber Rocha e filmes dos Trapalhões, sem preconceitos, e apreciar as comédias que levam milhares de pessoas ao cinema.

O cinema precisa estar aberto a diferentes tipos de produções. É uma indústria cara e complexa. Esses filmes são importantes, e é bom que "Ainda Estou Aqui" tenha causado tanto movimento. Acho que não devemos desmerecer as conquistas, mas sim colocá-las em perspectiva. Percebo que alguns filmes nacionais que são melhores ou mais profundos têm dificuldade de circular no mesmo cenário. Vejo que as pessoas ou exaltam muito a conquista de "Ainda Estou Aqui" ou dizem que não significa nada. Acho que a verdade está no meio-termo. O filme é legal, mas não é um dos grandes filmes que fizemos no país. Nosso cinema é muito mais diverso. Agora, se esse filme ajuda a levar mais gente ao cinema, está excelente. Acho ótimo, e devemos celebrar!

Deixamos esse espaço em aberto caso queira comentar sobre pesquisas que vêm elaborando e também sobre questões que não foram apresentadas, mas que considera relevante abordar aqui.

Agradeço a entrevista e espero que as respostas tenham sido úteis.